

A sorte está lançada

Após dois dias de incerteza, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) admitiu que as eleições presidenciais de 2017 no Equador terão de ser resolvidas em um segundo turno. Aqui estão alguns comentários ponderados para nos ajudar a entender por que chegamos a este ponto e qual é o estado das coisas.

A Alianza País iniciou este período eleitoral com uma transição de liderança inconclusa. Se, como diz Carlos Fernández Liria (2016), o líder carismático, como canal de mal-estar geral, parece necessário em qualquer projeto populista, o deslocamento deste depósito para Lenín Moreno não foi eficiente. A sombra alongada de Rafael Correa ocultava o quanto ou quão pouco Moreno poderia oferecer e, como exemplo, duas anedotas ilustrativas podem ser citadas: (1) enquanto o candidato pró-governo debateu com os seus opositores na televisão, a notícia foram os comentários no Twitter do Presidente ainda em exercício; (2) embora o candidato do Alianza País seja Lenín Moreno, a oposição continua gritando “Correa fora, fora”. O partido do governo apresentou assim um homem com um perfil calmo, cujo principal valor é sua suposta disposição conciliatória em contraste com a tradicional e necessária polarização “correísta”. Pode ser que a mesma sociedade que clamava por uma ruptura de tanto “conflito revolucionário”, secretamente precisasse de um pouco mais disso para reativar a mobilização.

Mas, além dos perfis presidenciais, outros elementos que jogaram contra o partido verdeflex podem ser resgatados. Em primeiro lugar, embora não mais importante, podia-se falar muito sobre a falta de originalidade demonstrada na sua propaganda eleitoral: a maior parte das suas marcas baseavam-se numa sucessão de imagens de progresso (infra-estruturas) e sorrisos interculturais envoltos numa canção emocional. Nada que não tivesse sido visto antes. Os produtos estavam, em suma, fora de moda, deixando completamente ausente a narração

de histórias que foram tão bem tratadas em outras ocasiões com La bicicleta ou La ferriatta. Da mesma forma, a sua posição na disputa pela “mudança” significativa, que sem dúvida era o eixo discursivo central da campanha, também não parecia ser eficaz. É preciso reconhecer aqui que a Alianza País teve um momento difícil e, ao mesmo tempo, que, diante dessa complexidade, optou pelo caminho preguiçoso de propor o que se espera de qualquer relação governo-oposição: uns, defender a gestão, e outros, pedir mudança. Lenín Moreno queria manipular a linguagem dizendo que “a verdadeira mudança” era “continuar mudando” ou, em outras palavras, “continuar fazendo o mesmo”. O laço e a empresa, no entanto, propuseram uma mudança real, embora não necessariamente para melhor.

Por outro lado, o que talvez tenha pesado mais sobre o partido do governo é a sua desconexão quase total dos movimentos sociais. Alguns deles são genuinamente populares, como os indígenas (Rafael Correa nunca conseguiu conciliar a necessidade de financiar reformas sociais e os direitos das nacionalidades equatorianas), mas outros, talvez a maioria, são alimentados pelo mesmo corpo social que ascendeu cultural e economicamente graças ao projeto da Revolução Cidadã: a nova classe média.

A “década ganha” nunca, nem mesmo hoje, desafiou com sucesso o “monstro” que havia criado, e ainda o considera um item de luxo para comprar um laptop ou viajar de avião. Esta incapacidade de ajudar suas novas criaturas é uma das principais tarefas da social-democracia latino-americana que administrou a região nos últimos anos. O famoso meme que culpa a classe média por, uma vez promovida, “acreditar que são oligarquias” e votar à direita, deveria incluir uma nota de rodapé esclarecendo que esta crença se baseia, principalmente, no abandono emocional a que é frequentemente sujeita pelos seus pais. Se há uma coisa que aprendemos com Gramsci, é que a hegemonia só é possível quando a classe dominante consegue seduzir os outros, fazendo-os sentir que os seus interesses

são comuns. A repressão e a desatenção generalizadas não parecem ser, naturalmente, os mecanismos mais inteligentes para recriar esta ilusão.

E estes foram os dias em que, na noite de 19 de fevereiro, diante do apertado resultado permitido pela segunda volta, a oposição de bloco decidiu tomar como definitivas as urnas que lhe interessaram -obviamente as que não o fizeram- e concentrar-se diante do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) alegando uma suposta fraude nas eleições. Excluindo as desinformações maliciosas que muitos promoveram nas redes sociais, compartilhando vídeos, comunicados e fotografias que não correspondiam à realidade, é preciso admitir que o atraso na fiscalização de 100% dos votos válidos favoreceu o estado de espírito de que algo obscuro estava acontecendo, e alguns no exército, na mídia e na Conferência Episcopal acrescentaram mais combustível ao fogo. Para dizer a verdade, outros vídeos que circularam em nossos smartphones também mostraram realidades que eram difíceis de sustentar, como dezenas de mangas de plástico cheias de registros eleitorais abalados pelas multidões nas ruas. Se não houve fraude, foi por pouco.

Diante do NEC, tanto a direita equatoriana como parte da esquerda eleitoral da oposição se encontraram por dois dias inteiros, o que mostra, em minha opinião, que nesta conjuntura o eixo “cinturão anti-correia” é mais forte que o eixo “esquerda-direita”. E esta não é uma situação exclusivamente eleitoral: desde que cheguei ao país em 2014, em todas as marchas contra o governo, aqueles que queriam expulsar os cubanos do país e os estudantes anarquistas da FEL convergiram amigavelmente. Certamente, muitos de nós que honestamente e ingenuamente pensamos desde a esquerda que nesta união tínhamos a voz principal, vendo os resultados eleitorais, deveríamos admitir que poderíamos ser usados pela burguesia de Quito para preencher espaços nas ruas.

Esta união “não hegemónica” da esquerda, como digo, continuou durante os protestos perante a CNE. E neles, os apoiadores da

candidatura de Paco Moncayo desempenharam um papel estrategicamente chocante: eles tinham mais ou menos razões para suspeitar do escrutínio, sua contribuição para a construção do imaginário da fraude os tornou automaticamente cúmplices de Lasso. Porque lutar por um segundo round é colocar o tapete vermelho para o candidato no banco. E aqui é necessário esclarecer algumas questões (espero que o uso estilístico do imperativo me seja perdoado, porque não é minha intenção dar lições a ninguém):

Em uma eleição presidencial como a do Equador, os meios-tons não importam, e há apenas duas opções concorrentes. Desde antes dos 19 anos, já se sabia que esses dois eram Lenin e Lasso. Todo o resto eram ilusões. Votar no quarto ou oitavo lugar não é mais do que um exercício de complacência.

Descobrir no dia 19 à noite que Lasso poderia ser presidente e pôr as mãos na cabeça é irresponsável. Que a única opção de que Lasso não seja presidente era que Lenin vencesse no primeiro turno era vox populi há algumas semanas.

Distanciar o voto válido da luta, como faz o slogan “não vote, escolha lutar”, é ignorar todas as coisas boas que Gramsci nos ensinou com sua guerra de posições. Certamente, há muito mais luta no plano eleitoral nacional, tendo que lutar com mil contradições, do que nas concentrações marginais de 20 militantes puros. A dignidade de não votar, se for feita em segredo e não como uma campanha, é um ato antipolítico, um sonho saramaguista que confunde lucidez com ausência total de politização da dor.

Uma imagem que ficará para a posteridade e que ilustra como a burguesia defendeu seus interesses contra a NEC – fazendo Pachakutik, a Esquerda Democrática e a Unidade Popular acreditarem que o que realmente estava fazendo era disputar uma causa comum – é um meme viralizado no Facebook em que um manifestante branco e elegante paga a um engraxador para deixar seus sapatos caros sem poluir. Enquanto Lasso está mais

perto de ser o primeiro e qualquer pessoa indígena de ser o segundo, Lourdes Tibán fez um discurso acalorado ameaçando a greve nacional se não houvesse uma segunda volta.

Se esta fotografia não reflete claramente o quão dura é a direita equatoriana, encorajo qualquer um a conferir as últimas publicações de redes sociais sobre Manabí: centenas de mensagens desejando um novo terremoto e criticando o nível educacional dos Manabitas pelo simples fato de votar, em massa, para o governo que comunicou suas cidades com estradas dignas. Porque sim: o que entre a esquerda intelectual de Quito é muito engraçado (as estradas) em outras partes do país é vitalmente indispensável. Lembro-me aqui de uma frase verdadeira compartilhada pelo sociólogo David Chávez em um programa de rádio sobre o qual concordamos na semana passada: “teríamos que analisar o quanto do senso comum da esquerda é realmente à direita”.

O cenário entre agora e 2 de abril é muito complexo: por um lado, uma social-democracia morna que, nos últimos cinco anos, reprimiu aqueles que deveria servir e que, acima de tudo, parece estar repleta de escândalos de corrupção. Por outro lado, uma direita que nem sequer tem vergonha de defender os paraísos fiscais num referendo (que, aliás, também foi feito pela esquerda democrática), e cujos referendos internacionais destruíram o Estado Providência. Por outro lado, uma esquerda parlamentar que constrói toda a sua identidade na sua oposição ao correísmo. E à margem, uma esquerda extraparlamentar que defende orgulhosamente o voto nulo, escondendo que não foi capaz de construir, em dez anos, um verdadeiro projeto que corrigisse o curso errático da Revolução Cidadã. Deixe cada um escolher sua opção, embora com a sensação permanente de que, como disse Júlio César, *alea iacta est*.

Original: Rebelión.org